

Lentes de Resistência: olhares de intelectuais negros sobre iniciativas africanas nos séculos XIX e XX

Jacqueline Maia dos Santos e Isadora Bolina Monteiro Vivacqua *

Resumo: Neste artigo apresentamos uma discussão acerca de diferentes leituras historiográficas sobre o processo de colonização da África pelos europeus nos séculos XIX e XX, visando discutir especialmente as ideias de pensadores que compreendem a importância de se estudar a história de tal continente pela perspectiva de seus próprios habitantes. Objetivamos demonstrar como os negros não foram pacíficos às ações estrangeiras, analisando algumas de suas formas de resistência. Dentre estas, ressaltamos a articulação do movimento Pan-africanista, que ansiava pela construção de uma identidade capaz de valorizar o *ser negro* e a lutar contra o racismo e o colonialismo europeu. Daremos destaque aos trabalhos de artistas e intelectuais como Aimé Césaire e Frantz Fanon, analisando brevemente algumas de suas produções. Importante ressaltar que o nosso trabalho não pretende apresentar conclusões definitivas, mas contribuir para uma maior reflexão sobre os novos debates historiográficos acerca da História da África. Utilizaremos também como fonte, obras de intelectuais como M'BAH Abogo e S. K. B. Asante, por considerá-los representantes de uma linha intelectual comprometida que nos auxilia no processo de desconstrução de uma visão comum sobre o continente africano.

Palavras-Chave: Historiografia; Colonização; Resistência; Pan-africanismo; Identidade negra.

Introdução

O processo de conquista e ocupação do continente africano pelas potências europeias recebeu, ao longo dos anos, inúmeros estudos. Muitos destes, todavia, apresentavam

* Graduandas em História pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (Fafich/UFMG). Contato: jacqueline.historia@gmail.com e isadora.vivacqua@yahoo.com.br.

Jacqueline Maia dos Santos e Isadora Bolina Monteiro Vivacqua

explicações simplistas para este processo, descrevendo as políticas expansionistas europeias como capazes de dominar tal região sem enfrentar muitas resistências das diversas populações locais e sendo as responsáveis por todos os embates e mudanças lá ocorridas nos séculos XIX e XX. Assim, entendem-se as transformações apenas como consequência das iniciativas dos europeus, e a própria população autóctone como passiva diante das ações estrangeiras. Outra análise comum sobre este período diz respeito ao tipo de contato entre europeus e africanos, geralmente sendo visto como dois grupos de “inimigos naturais” que ao se encontrarem deram início imediato a embates físicos pelo domínio do território, vindo os europeus “civilizarem” a população local e aumentar o seu poderio econômico.

Neste artigo, visamos analisar criticamente tal visão comum construída pelo ocidente sobre a história da África e ressaltar a importância de se compreendê-la na perspectiva dos próprios africanos, pensando nas dinâmicas internas que existem neste continente e não as considerando como mero reflexo de influências estrangeiras. Não pretendemos, todavia, oferecer uma leitura que se propõe como a “oficial” ou “absoluta” dos fatos, mas apenas indicar outra forma possível de refletir acerca da história deste continente. Para isso, vamos nos apoiar em obras de escritores como Aimé Césaire, M’BAH Abogo, S. K. B. Asante e Frantz Fanon, por considerá-los representantes de uma linha intelectual comprometida com a construção de uma nova identidade negra, elaborada pelos próprios africanos.

Iniciaremos o artigo discutindo acerca da violência imposta pelos europeus no processo de conquista da África e apresentando algumas estratégias elaboradas por grupos locais como forma de resistência a este processo, objetivando demonstrar como foram ativos na luta contra a colonização. Em seguida, nos dedicaremos a analisar de modo mais detalhado um tipo específico de resistência elaborada pelos negros - o Panafricanismo, percebendo os sucessos e fracassos desta forma de luta.

Iniciativas e resistências africanas

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, em seu discurso “O perigo de uma única história”, proferido em uma conferência do TED (Technology, Entertainment, Design) em

Lentes de Resistência: olhares de intelectuais negros sobre iniciativas africanas nos séculos XIX e XX

2009¹, demonstra, a partir das suas experiências, o quão traiçoeiro pode ser a visão da África apenas sob o ponto de vista eurocêntrico. A autora narra situações tragicômicas pelas quais passou devido a mensagem errônea propagada em larga escala de que a África é única e está imersa somente em catástrofes. Desde a ocupação do continente, intensificada no século XIX, foi difundida de forma reiterada a imagem de um enorme território sem fronteiras, na qual se enfatizava as histórias negativas e criava-se estereótipos que colocavam os africanos em um nível inferior em relação aos europeus. Em seu discurso, Ngozi conta que, aos 19 anos, deixou a Nigéria e mudou-se para os Estados Unidos para realizar um curso superior. Lá, passou a morar com uma estudante americana que surpreendeu-se, dentre outras coisas, com o fato dela falar inglês, não ouvir apenas “música tribal” e saber utilizar aparelhos domésticos e eletrônicos do mesmo modo que ela. Segundo a escritora:

O que me impressionou foi que: ela sentiu pena de mim antes mesmo de ter me visto. Sua posição padrão para comigo, como uma africana, era um tipo de arrogância bem intencionada, piedade. **Minha colega de quarto tinha uma única história sobre a África. Uma única história de catástrofe.** Nessa única história não havia possibilidade de os africanos serem iguais a ela, de jeito nenhum. Nenhuma possibilidade de sentimentos mais complexos do que piedade. Nenhuma possibilidade de uma conexão como humanos iguais. (NGOZI, 2009. Grifo nosso.)

Assim como a escrita da história pode ser usada para desqualificar um povo, também pode ser usada para valorizá-lo. O historiador Muryatan Santana Barbosa (2012, p. 212) aponta que a escrita da história sob uma perspectiva africana poderia impulsionar a superação dos preconceitos colonialistas sobre o continente, colaborando para mostrar as contribuições africanas para a civilização humana. Uma visão pós-eurocêntrica do saber histórico sobre o continente considera os africanos como sujeitos, e não apenas meros objetos da história, combatendo assim a visão até então predominante de que a África e os africanos seriam passivos, à espera de serem conquistados pelos europeus.

¹ Segundo informações presentes no site oficial (<https://www.ted.com/about/our-organization>), TED é “uma organização sem fins lucrativos dedicado à difusão de ideias, geralmente sob a forma de palestras curtas e poderosas (18 minutos ou menos)”. Tradução livre. O discurso de Chimamanda Adichie Ngozi foi amplamente divulgado nas redes sociais e ainda encontra-se disponível no site da organização.

Jacqueline Maia dos Santos e Isadora Bolina Monteiro Vivacqua

Como consequência da perspectiva africana da história, desenvolvida a partir do século XX, hoje, sabe-se que, ao se estabelecerem na costa da África, os europeus aderiram primeiramente não a um confronto direto, mas a políticas diplomáticas para realizar negócios com os comerciantes locais ou chefes de família – era uma relação de complementaridade que favorecia tanto os “de fora”, quanto alguns nativos (UZOIGWE, 2010, p. 32-34). Esta relação de cooperação não foi vista inicialmente como uma ameaça aos interesses locais visto que não atingia diretamente a autonomia da população autóctone, permitindo-a manter o controle sobre as suas terras e as trocas econômicas lá estabelecidas. Tal relação diplomática é abalada quando os europeus começam a tentar controlar todo o comércio e a impor a sua autoridade. É então importante ressaltar que a primeira investida europeia ocorre por meio do diálogo objetivando convencer a população local a se submeterem a eles pacificamente.

Os africanos, todavia, rejeitam a perda de sua soberania, afirmando que não existe razão para tornarem-se súditos. Para exemplificar esta situação, podemos recordar do caso de Machelamba, nome pelo qual era conhecido o chefe do grupo étnico e linguístico Yao, que afirmou ao comandante alemão Hermann von Wissmann, em 1880, quando este tentava estabelecer um domínio sobre os negros na África:

Prestei atenção à vossa mensagem sem encontrar razão para vos obedecer. Preferiria morrer. Se for amizade que você deseja, então eu estou pronto para ela, hoje e sempre; mas para ser seu súdito, isto eu não posso ser. Se for guerra você deseja, então eu estou pronto, mas nunca para ser seu súdito. Não caio a vossos pés, pois sois uma criatura de Deus como eu [...]. Sou sultão aqui na minha terra. Vós sois sultão lá na sua. No entanto, vede, não vos digo que me deveis obedecer, pois sei sois um homem livre. Quanto a mim, não irei à vossa presença; se sois bastante forte, vinde vós me procurar. (BOAHEN, 1987, p. 56).

Nota-se assim que o grupo Yao não partiu de um ódio natural para rejeitar as ações europeias e não foi movido por “instintos primitivos”, mas apenas desejava manter a sua autonomia. Diante disso, os europeus deram início aos embates armados, visando ocupar e dominar todo o território. A Conferência de Berlim, ocorrida entre 19 de novembro de 1884 e 26 de fevereiro de 1885, ajudou a estipular as regras de ocupação da África pelos colonizadores e a fomentar essa ação imperialista, embora não tenha sido ela a dar início às

Lentes de Resistência: olhares de intelectuais negros sobre iniciativas africanas nos séculos XIX e XX

investidas europeias. Diante desta nova atitude dos europeus, os africanos ofereceram diversas formas de resistência, sendo esta generalizada em todo o continente.

A resistência primária, segundo o estudioso Terence O. Ranger (2010, p. 51-72), ocorreu em oposição à perda de soberania e a ocupação de territórios pelos os europeus. Após embates diretos, essa resistência foi enfraquecida e as potências estrangeiras conseguiram se fixar em diversas regiões. Essa primeira derrota, entretanto, não findou as resistências, mas apenas fez com que fossem reformuladas. Ranger ressalta que “[...] entre 1880 e 1900, a África tropical apresentava um estranho e brutal paradoxo. Se o processo de conquista e da ocupação pelos europeus era claramente irreversível, também era altamente resistível [...]” (*Ibid.*, p. 51). Interessante notar que ao provocarem tal situação de adversidade os próprios europeus ajudaram na união e no fortalecimento da resistência por parte dos africanos, visto que embora existissem conflitos entre os povos locais, estas diferenças foram postas em segundo plano em prol da luta contra o opressor comum.

Após o enfraquecimento da primeira resistência, surgiram as resistências secundárias ou retardadas, indicando que os africanos não haviam se resignado à “pacificação” europeia (*Ibid.*, p. 52). Estas assumiram formas variadas mobilizando elementos políticos, econômicos, culturais, etc. Podemos citar a resistência na forma de migrações e guerrilhas: ao verem seu território ocupado diversos africanos não aceitavam se transformarem em escravos ou serem submetidos ao sistema colonial que os europeus tentavam impor e assim, fugiam para novas regiões e se rebelavam contra os inimigos que encontravam no caminho. Outros, que optavam por não fugir e a lutar no seu território, realizavam greves e protestos, manifestando-se contra a dominação, os impostos e as formas de trabalho a que estavam tentando sujeitá-los (BOAHEN, 1987, p. 66). É válido ressaltar que essas formas de luta demonstram que a capacidade de resistir não precisa ser articulada apenas por chefes de Estado, mas podem ser organizadas por quaisquer grupos sociais.

Conforme Ranger (2010, p. 51-72) destacou, muitos chefes africanos organizaram movimentos de resistências, mas estes algumas vezes não estavam em consonância com as demandas populares visando apenas à manutenção do seu “status quo”. Isso traz outro

Jacqueline Maia dos Santos e Isadora Bolina Monteiro Vivacqua

elemento a ser destacado: a complexidade destas rebeliões e a necessidade de não as tratarmos simplesmente como um embate entre estrangeiros e nativos. O autor ainda destaca que alguns africanos, especialmente os provenientes de camadas exploradas em suas próprias comunidades, se uniram aos europeus por acreditar que eles poderiam lhes oferecer melhores condições de vida. Na Rodésia do Norte (região que hoje corresponde ao país chamado Zâmbia), por exemplo, diversos escravizados se manifestaram favoráveis ao aumento da influência britânica visto que estes eram contra o sistema escravocrata, diferentemente de líderes locais africanos (RANGER, 2010, p. 58).

O historiador Elikia M'Bokolo, em seu trabalho "Conquistas europeias e resistências africanas" (2003) já ressalta que ocorreram também revoltas por parte de mercenários dos exércitos europeus: alguns africanos que eram contratados pelas potências europeias acreditando que enriqueceriam após a conquista, tiveram os seus sonhos frustrados quando os estrangeiros dominaram terras e tesouros mas nada repartiram com eles, conforme havia sido acordado. Isso teria desencadeado diversas ondas de protestos, seja por parte dos mercenários que não receberam recompensas por seu trabalho, ou por parte de membros de grupos étnicos africanos, que revoltaram-se contra os negros que se uniram aos invasores (*Ibid.*, p. 339-340).

Outro ponto a ser atentado diz respeito às resistências articuladas em torno de líderes religiosos ou que envolvessem "elementos mágicos". Uma visão comum presente até na contemporaneidade descreve as cosmovisões africanas como manifestações ilógicas, mas novas leituras historiográficas demonstram que elas são fundamentais para se compreender a estrutura política de diversos Estados ou sociedade. Muitos líderes locais eram associados pela população à divindades, ou vistos como sujeitos capazes de estabelecer uma conexão entre os planos terreno e sobrenatural. O abalo das lideranças e organizações locais representaria também a crise de uma cosmovisão de mundo. Segundo Ranger (2010, p. 59-65), diante das ameaças estrangeiras despontaram movimentos messiânicos trazendo novos líderes capazes de apresentar esperança de reconstrução desta cosmovisão, dos saberes e da soberania africana sobre as suas terras. Realizaram cultos, utilizaram objetos que

Lentes de Resistência: olhares de intelectuais negros sobre iniciativas africanas nos séculos XIX e XX

acreditavam oferecer proteção espiritual, mobilizando diversas pessoas nas lutas contra a opressão. As respostas religiosas podem assim serem compreendidas como consequência da forma em que o poder era estruturado e devem ser vistas como munidas de lógica, com capacidade de despertar laços unitários e articular outra forma importante de resistir.

A chamada “resistência da acomodação controlada” (RANGER, 2010, p. 63) refere-se também a outra maneira encontrada pelos africanos de lutar pela manutenção de sua soberania, suas crenças e, principalmente, de sua identidade. Tratava-se de selecionar elementos tecnológicos, culturais, medicinais, etc., que os europeus trouxeram, partindo da ideia de que poderiam incorporar àquilo que apresentasse benefícios para a sua vida cotidiana, mas sem aceitar passivamente todas as imposições estrangeiras. Consideramos relevante ressaltar esse tipo de resistência visto que ajuda a combater a visão comum de que os africanos teriam rejeitado indiscriminadamente tudo que se relacionasse com às nações estrangeiras, mostrando que assimilaram criticamente elementos de outras culturas.

Ao analisar estas diversas iniciativas africanas, M'Bokolo (2003, p. 321) ressalta ser importante inserir tais episódios na perspectiva da longa duração. A primeira geração de africanos em contato com os europeus lidou com a chegada do desconhecido e ofereceram resistência diante da ameaça da perda de soberania sobre seu território. A segunda geração já cresceu acostumada à presença europeia, todavia eram mobilizados pela tradição de luta transmitida pelos seus antepassados. Rejeitavam assim, não apenas a conquista, mas todos os abusos do modelo colonial que os europeus impunham. Essa resistência continuada em busca de autonomia e liberdade tornou possível, segundo alguns pesquisadores, pensar futuramente nas lutas de libertação nacional:

As resistências à colonização, que, durante os anos 1960, no momento em que os dirigentes dos novos Estados independentemente se reclamavam da longa tradição de luta dos povos africanos contra a espoliação estrangeira, surgiram como um dos temas inovadores e fecundos de investigação, tornaram-se uma das figuras obrigatórias da historiografia africana. O essencial passou a ser o ponto Asante: por todo o lado, e independentemente das circunstâncias locais e das conjunturas particulares, a dominação teve por corolário a resistência (*Ibid.*, p. 331).

Jacqueline Maia dos Santos e Isadora Bolina Monteiro Vivacqua

Analisando as resistências desta maneira, concebemo-las não como revoltas isoladas, mas inseridas dentro de uma tradição de luta que marca a história da África. Embora existam alguns estudiosos que rejeitem a ligação direta entre os movimentos de resistência à colonização e a construção do nacionalismo moderno africano, é essencial destacarmos a importância, variedade e a complexidade destas resistências, e demonstrar como tal população não foi passiva diante das ações das potências europeias. A resistência foi contínua, generalizada e trouxe significativos impactos para a história da África, por isso, independentemente se foram derrotadas ou não, elas se tornam relevantes de serem lembradas criticamente.

A violência colonial e a resistência Pan-africanista

Aimé Césaire (1913-2008) foi um importante poeta, ensaísta martinicano e um dos ideólogos do conceito de *negritude*. Em linhas gerais, “Negritude” pode ser compreendido como um movimento artístico-literário desenvolvido por intelectuais negros, no começo do século XX, na França. Tal movimento defendia a valorização da cultura negra que se manifestava contrário ao racismo e ao regime colonial imposto na África e em outras regiões do mundo. O escritor desenvolveu diversas obras em que trata da sua defesa das raízes africanas e critica o processo de colonização ao qual a África e outras regiões foram submetidas. Em seu texto “Discurso sobre o colonialismo”, escrito nos anos 1950, o autor afirma que “a Europa, moralmente, espiritualmente, é indefensável” (CÉSAIRE, 2010, p. 14), devido a todo o regime de exploração a que subjugou outros povos. Césaire se propõe a discutir a essência do Colonialismo e para o autor ele seria constituído de dois aspectos principais: primeiramente pode-se compreendê-lo como um sistema de exploração de massas humanas que tem a sua origem na violência e só se sustenta pela violência. O segundo aspecto refere-se à capacidade do Colonialismo de disseminar o racismo, introjetar uma visão pejorativa sobre os negros, e descivilizar tanto o colonizado que sofre com tal sistema, como o próprio colonizador que se torna capaz de implementar este regime, abrindo mão de sua sensibilidade humanística (*Ibid*, p. 07).

Lentes de Resistência: olhares de intelectuais negros sobre iniciativas africanas nos séculos XIX e XX

O intelectual M'Bah Abogo, em seu trabalho "Panafricanismo Clásico: Identidad y Reconocimiento" (2004), escrito posteriormente ao trabalho de Césaire, também se dedica a pensar sobre o regime de violência a que os povos da África foram submetidos e seus instrumentos de mobilização e luta. O autor ressalta que no pensamento contemporâneo africano um dos enfoques predominantes diria respeito à preocupação em perceber como o africano internalizou e reagiu diante da representação social criada pelos colonizadores para tentar justificar a prática do escravismo e depois, do violento colonialismo (ABOGO, 2004, p. 02). O movimento da Negritude, o qual Césaire fazia parte, e a Etnofilosofia seriam algumas correntes de pensamento que possuem tal preocupação, objetivando lutar contra a negação da condição humana imposta aos negros, contudo, as qualidades que atribuíam aos africanos seriam os defeitos que o pensamento ocidental racista designava aos negros (*Ibid.*, p. 02). Ou seja, utilizavam-se da própria visão pejorativa elaborada pelos europeus, mas a transformavam em motivo de orgulho, invertendo a ideia original deste olhar. Para esclarecer melhor este aspecto, podemos recordar das adjetivações impostas pelos colonizadores aos negros, chamando-os por exemplo de seres ilógicos e passionais, ao contrário dos europeus que seriam os representantes do racionalismo humanístico. O senegalês Léopold Sédar Senghor, em seu texto "O contributo do homem negro" (2011), apropriou-se de tal designação, afirmando que os negros eram passionais por serem dotados de uma sensibilidade e empatia que os colonizadores não possuiriam, subvertendo a ideia original das adjetivações e as tornando, assim, uma característica positiva.

Abogo ressalta que embora seja possível tecermos críticas a tal tipo de reação por ainda estar "presa" ao discurso do colonizador, não devemos esquecer que ela auxiliou no processo de busca da libertação da estrutura colonialista. O autor trata da Negritude como pertencente ao Pan-africanismo Clássico, e define-o como um movimento de negação com respeito ao mundo que se gestou com o Colonialismo:

En nuestra opinión, el Panafricanismo clásico es el fruto de un incuantificable esfuerzo: aprehender la condición humana negada durante siglos a los africanos y a los descendientes de africanos. Pretendía el Panafricanismo clásico romper el pentágono de negaciones que sostenía la inhumana vejación que los blancos ejercían sobre los pueblos de color, en general, y de forma

Jacqueline Maia dos Santos e Isadora Bolina Monteiro Vivacqua

particular, dada la extrema crueldad, sobre los heterodenominados negros (ABOGO, 2004, p. 06).

O pentágono de negações ao qual o autor se refere seria: o não ao racismo, não ao escravismo, não à marginalização social, não à marginalização religiosa e não à colonização (*Ibid.*, p. 06-07). Ser africano ou descendente de africano foi visto pelos colonizadores como algo negativo, inferior, como o pertencimento a uma raça impura que poderia ser tratada como mero objeto de exploração. Representaria um “não-povo”, que não teria uma história independente ou uma identidade própria. Muitos negros internalizaram tal pentágono de negações e passaram a se considerar como seres inferiores. Para sobreviver, alguns assumiram costumes, língua e a religião de seus opressores, “branquearam” seu modo de ser, “el pentágono de la negación provocó una pasión tan intensa en el colectivo heterodenominado negro que casi mató en aquellos seres humanos la conciencia de ser personas” (*Ibid.*, p. 08).

Para o autor, buscando a superação dessa humilhação a que os negros eram submetidos o Pan-africanismo atacou por duas vias principais, ou por “*dos flancos*”. O primeiro diria respeito à luta pela reconquista da identidade e da personalidade africana, reestabelecendo e potencializando as fontes culturais. Com este objetivo, diversos intelectuais como Léon-Gontran Damas, René Maran e Frantz Fanon, desenvolveram obras artísticas capazes de valorizar a cultura negra. O século XX, para Abogo, pode ser visto como o grande momento dessas explosões artísticas em que os africanos ou descendentes de africanos atuaram em praticamente todas as áreas, como na música, literatura, pintura, e abarcando estilos variados.

Diante deste contexto, movimentos como o da Negritude podem ser vistos como um instrumento de luta, de busca da recuperação da auto-estima e da liberdade das populações imersas ao colonialismo. O próprio “Discurso sobre o Colonialismo”, trabalho já mencionado de Césaire, pode ser visto como dotado dessa capacidade, ou que pelo menos tinha tal objetivo. Outros trabalhos deste escritor, assim como de diversos poetas e ensaístas, possuíam esta linha literária comprometida. Destacamos ainda a figura de W.E.B. Du Bois que

Lentes de Resistência: olhares de intelectuais negros sobre iniciativas africanas nos séculos XIX e XX

teria sido o grande responsável por possibilitar a transição do Pannegrismo ao Panafricanismo, ajudando na elaboração de congressos e movimentos, exigindo maiores direitos para os negros e denunciando a violência do Colonialismo.

Embora muitas obras literárias, musicais, etc., do Panafricanismo tenham sido desenvolvidas por intelectuais negros no exílio, ou que nasceram fora do continente africano, é importante ressaltar que estes mantiveram suas raízes, se identificando e mobilizando por também serem vítimas do racismo, da exploração. Conforme afirma Abogo:

[...] por un lado tenemos a los intelectuales africanos y, por otro, a los intelectuales de la diáspora, antillanos generalmente. La pregunta es ¿qué es lo que les unía?, la respuesta es evidente, el color o, mejor, la raza. Puesto que el epicentro, como hemos señalado antes, de las propuestas de liberación era África, lo negro fue reducido a africano. Todos los negros eran africanos [...] de esta manera, a ambos lados del Atlántico, quedó sellada la identificación de negridad con la africanidad [...] Africano y negro se identificaban por el color, por la discriminación basada em el color, por el sufrimiento y la alienación comunes[...] (ABOGO, 2004, p. 18).

Para o autor, nas diversas manifestações artísticas desenvolvidas, buscou-se então, tornar legítimo o *ser negro*, ou seja, a sua forma própria de habitar o mundo, a sua cultura, vestimentas, danças, religiões, a sua maneira de amar (*Ibid*, p. 13). Os negros não estariam, contudo, desenvolvendo uma xenofobia natural aos outros povos, mas apenas visariam não assimilar acriticamente uma cultura dominante, o que o escritor Léopold Senghor caracterizaria como “la construcción de una civilización del dar y el recibir” (*Idem*), ou o que já identificamos como um processo da “resistência da acomodação controlada”. Para exemplificar este aspecto pode-se pensar nas diversas maneiras encontradas pelos africanos para manter as suas cosmo-visões de mundo. Ao entrar em contato com a religião pregada e imposta pelos colonizadores, como por exemplo o Catolicismo, muitos negros incorporaram alguns elementos mas mantiveram outros da matriz original de suas crenças que consideravam essenciais de serem preservados. Com isso, novas religiões surgiram, misturando símbolos e ritos africanos com outros europeus.

No campo musical podemos pensar no grande número de instrumentistas, compositores e intérpretes negros que mesmo não vivendo na África desenvolveram canções

Jacqueline Maia dos Santos e Isadora Bolina Monteiro Vivacqua

engajadas e realizaram denúncias ao racismo. Um dos estilos de grande destaque neste período foi o Jazz, surgido no espaço urbano americano, mas misturando elementos de diversas origens. Ao mesmo tempo em que o ritmo e o estilo de interpretação, por exemplo, tem fortes raízes no continente africano, também utilizam instrumentos de matriz europeia, como o saxofone e o piano. O Jazz teve importantes representantes negros como Nina Simone, Miles Davis, Ella Fitzgerald e John Coltrane. Embora tais músicos não necessariamente se digam como membros do Pan-africanismo pode-se considerar que diversos elementos mobilizados por este movimento (em seu aspecto cultural, ou primeiro *flanco*) ultrapassaram a fronteira do próprio continente, visto que os artistas citados são todos norte-americanos, mas com uma forte identidade negra e preocupação em difundi-la para outros afrodescendentes por meio de suas produções culturais.

Por fim, apesar de não ser objetivo do texto aprofundar nas considerações sobre o Jazz, não podemos deixar de mencionar algumas importantes incursões do ritmo no continente africano no fim da década de 1960, representadas pelo Afrobeat do cantor e compositor nigeriano Fela Kuti (que também foi um importante ativista dos direitos humanos) e do Ethio-jazz do etíope Mulato Astake.

Segundo Abogo, o Pan-africanismo teria então, obtido grande sucesso em seu primeiro *flanco* sendo capaz de mobilizar-se em prol da valorização da cultura e da identidade negra por meio de diversas produções artísticas na África e em outros continentes. O escritor Frantz Fanon é bastante associado a este *flanco* e uma de suas produções de maior destaque chama-se “Pele Negra, Máscaras Brancas” (1952), na qual ele discorre criticamente sobre as diversas construções do racismo a partir de uma perspectiva psicanalítica. Este livro obteve notável destaque no século XX, e por isso realizaremos uma breve análise visando esclarecer melhor como as obras destes representantes do Pan-africanismo possuíam forte caráter engajado.

Frantz Fanon e a literatura comprometida do Pan-Africanismo: uma breve análise da obra “Peles Negras, Máscaras brancas” (1952)²

Frantz Fanon foi um autor martinicano, nascido em 1925. Morreu jovem, em 1961, quando tinha 36 anos. Todavia, apesar do curto período de vida, sua formação em Psiquiatria e Filosofia permitiu que produzisse obras com características ímpares e que influenciaram diversos pensadores no século XX, com destaque para aqueles que lutaram em movimentos anticolonialistas na África e no Caribe.

Em seu livro “Peles Negras, Máscaras Brancas”, de 1952, Fanon trata de um grande problema social que afetava - e ainda afeta - mulheres e homens negros, o racismo. O escritor era um intelectual e militante político e sua obra coloca em debate um assunto até então pouco discutido: a forma inferiorizada como pessoas de pele negra eram enxergadas e tratadas. Além disso, a partir de sua experiência como psicanalista aliado as suas vivências de homem negro, o autor propõem interessantes reflexões a respeito das consequências psicológicas e sociais do racismo.

A Martinica, ilha onde Fanon nasceu, é um território ultramarino francês na região das Antilhas. Ao contrário de muitas ilhas na região do mar do Caribe, ela não é um estado independente. A população autóctone martinicana foi exterminada no início da colonização francesa, desta forma a ocupação da ilha foi feita por uma minoria de franceses brancos na administração colonial, e por uma maioria de negros africanos escravizados como mão de obra na lavoura e na pecuária. A abolição da escravidão na França, e conseqüentemente em seus domínios, propiciou o surgimento na Martinica de um inconsciente coletivo branco. Afinal de contas, a ilha era parte da França, mesmo que estivessem geograficamente distantes. Com base nestas informações é crível afirmar que o título “Peles negras, Máscaras Brancas” reflete a percepção do autor do desconhecimento da população martinicana de uma identidade negra. E é essa uma das premissas a partir da qual Fanon desenvolve seu

² Nesta parte do artigo não objetivamos desenvolver uma ampla resenha, mas realizar alguns apontamentos sobre como o livro de Frantz Fanon - e outras obras de intelectuais Pan-africanistas - pode auxiliar na percepção de uma visão mais crítica acerca da história da África, e a refletir sobre a situação dos negros na contemporaneidade (sejam africanos ou afrodescendentes).

Jacqueline Maia dos Santos e Isadora Bolina Monteiro Vivacqua

trabalho, partindo primeiramente de um olhar localizado sobre os seus conterrâneos negros, passando por uma visão dos negros nas Antilhas e chegando a conclusão de que era necessário estender um olhar sobre a posição do negro em geral.

No primeiro capítulo do livro (FANON, 1983, p. 33-51), *O negro e a linguagem*, Fanon explicita que a luta contra o racismo serviria para o negro entrar na “dialética do eu e do outro”. Isso porque o negro, para ele, possui duas dimensões: uma com o branco, que exerce sempre uma relação de poder em relação ao negro, e outra com o seu semelhante. O comportamento entre negros e negros, negros e brancos é diferente. Na colonização de um povo negro por brancos, essa relação de poder se expressa, por exemplo, na fala, no uso da linguagem. Falar o idioma do colonizador pressupõe assumir a cultura do mesmo, paralelo ao sepultamento de uma originalidade natural. Para ilustrar esse fato, Fanon faz uma narrativa tragicômica dos negros antilhanos tentando imitar o sotaque do francês falado na França, e do rechaço ao uso dos dialetos locais. Ele destaca ainda a mudança do comportamento do antilhano após ir à metrópole. No afã de eliminar o sentimento de inferioridade, posturas ingênuas são adotadas. Em contrapartida o autor critica a postura dos brancos de se dirigem aos negros, da mesma forma como adultos se dirigem a uma criança.

Desta forma é importante que seja dado ao negro o conhecimento, inclusive da filosofia, para a promoção da igualdade, e ajuda-los a se livrar dos complexos causados pela colonização. A inteligência aliada aos esforços para provar a existência prévia de uma civilização negra, contribuiriam para mitigar a necessidade do antilhano de se embranquecer ao renegar o seu idioma crioulo, e assumir cada vez mais o instrumento cultural que é a linguagem. Dominar francês não seria, ou não deveria ser, mais uma importante ferramenta para “abrir portas”.

O capítulo *A mulher de cor e o branco* (*ibid*, p. 53-68) é o segundo do livro, e nele o escritor fala das complexas relações entre um homem branco e a mulher negra. No histórico da colonização esse relacionamento era baseado na violência. Porém, somos apresentados ao ponto de vista de Mayote Capécia, uma mulher martinicana para qual se relacionar com um homem branco é um privilégio. Por amar um branco, ela aceita tudo dele. Inclusive ela

Lentes de Resistência: olhares de intelectuais negros sobre iniciativas africanas nos séculos XIX e XX

escreveu um livro, duramente criticado por Fanon, onde narra essa relação. Uma das críticas estaria relacionado a possibilidade de que essa aceitação e esse amor são ligadas a um sentimento de inferioridade, principalmente econômica.

Apesar da sombra da violência do relacionamento do homem branco com a mulher negra, em um determinado momento entre as antilhanas nasce uma necessidade de embranquecer a raça. Quanto mais clara a cor da pele das próximas gerações, melhor a possibilidade de ascensão econômica e social. Porém, mesmo que a relação inter-racial seja “consentida” pela mulher negra, apesar de não haver necessariamente uma violência física, há uma violência simbólica. Ter um homem branco como companheiro era uma forma de ascensão social - mas homens brancos não se casam com mulheres negras. Desta forma, essas mulheres teriam as portas para o sonho de torna-se brancas, pela convivência no meio dos brancos, fechadas. Apesar disso, persiste entre as negras o desejo de embranquecer, e entre as mulatas o desejo de embranquecer ainda mais e não retroceder. Inclusive, Fanon cita um romance na qual a moça de cor reage de forma agressiva a declaração de amor de um semelhante. A conclusão a qual se chega no segundo capítulo é que teoricamente a situação da mulata é menos desconfortável que a da negra. A preta se sente inferior e por isso aspira ser admitida no mundo branco. Essa inferioridade, porém, se manterá na medida em que a negra será sempre a mulher estepe, dos prazeres extraconjugais, não a moradora dos bairros chiques, senhora da casa grande.

No terceiro capítulo, *O homem de cor e a branca*, (FANON, 1983, p. 69-82) Fanon fala que o homem negro, digno de ser amado por uma branca, se apropria de uma dignidade branca. A partir desta perspectiva explana sobre o homem preto que apesar da cor tem um pertencimento branco, por estar desde pequeno na França. Todavia esse pertencimento não é completo, já que o homem negro na Europa, chega à um “não-lugar”, no qual o branco não o reconhece como um dos seus, e o renega. E os seus conterrâneos também o renegam, devido a transformação sofrida após a passagem pela metrópole.

Em, *Sobre o pretense complexo de dependência do colonizado*, (*Ibid.*, p. 83-101) Fanon discute criticamente o texto “*Psychologie de la colonisation*” (1948) do etnólogo, filósofo e

Jacqueline Maia dos Santos e Isadora Bolina Monteiro Vivacqua

psicanalista francês Octave Mannoni e através disto analisa a incapacidade do homem branco de tentar se colocar no lugar do negro e compreender o sofrimento do mesmo. Segundo Mannoni, brancos em minoria na colônia não se sentiriam inferiores, visto que quando é estabelecida uma relação de dependência o branco teria tendência para a superioridade e o negro para a inferioridade. Em outras palavras, a predisposição natural dos negros seria estar em posições inferiores. Neste capítulo faz também um interessante apontamento para aqueles que acreditam na luta de classes: o proletariado branco age com agressividade contra o proletariado negro, como uma forma de expressar superioridade, não ocorrendo uma união em prol da luta contra os “dominadores”.

Fanon em sua ocupação de psicanalista tem como propósito conscientizar o negro da sua negritude, demonstrando que branquear ou desaparecer não são as únicas possibilidades para as pessoas de cor. O quinto capítulo de sua obra é o mais extenso e nele o autor fala da importante influência dos poemas de Aimé Césaire (que como já foi destacado neste trabalho, também era martinicano) para a solidificação de uma imagem de *negritude* (FANON, 1983, p.103-126). Antes de o europeu chegar à África, já havia diversas sociedades consolidadas no continente. As manifestações religiosas lá encontradas, são encaradas pela visão eurocêntrica daquele período, como uma prova do atraso do povo negro em relação a evolução da humanidade. Já Fanon encara o resgate dessas expressões religiosas como a recuperação de uma ancestralidade e da comprovação da existência de sociedades antes da dominação européia. Esse é um capítulo onde no final os poemas surrealistas e engajados de Césaire são melhor discutidos, tendo por objetivo demonstrar que é possível construir uma cultura e identidade negra, e romper com o ciclo de sentimento de inferioridade.

Em seu trabalho, o escritor ressalta ainda o problema de se falar apenas do antilhano - é preciso falar do negro, porém os negros não têm uma unidade de raça. Apesar das particularidades de cada nacionalidade, aonde o negro vai permanece sendo negro, sendo necessário promover tal união. Percebe-se assim que o livro “Peles Negras, Máscaras Brancas” é uma importante fonte para todos aqueles que pretendem compreender os mecanismos do racismo, algo ainda atual. A partir das experiências e situações narradas por

Lentes de Resistência: olhares de intelectuais negros sobre iniciativas africanas nos séculos XIX e XX

Fanon é possível desenvolver e/ou aprimorar um senso crítico a respeito das práticas racistas na sociedade e a necessidade de combatê-las.

Conforme destacamos, nossa proposta foi de realizar apenas uma breve análise desta importante obra para melhor esclarecer como tais autores do movimento Pan-africanista utilizaram da literatura, e outras expressões artísticas, como uma maneira de engajamento e questionamento político. Retomando a discussão de M'BAH Abogo (2004), o Pan-africanismo teria então conquistado sucesso em seu primeiro *flanço*, visto que mobilizou inúmeros intelectuais na elaboração de trabalhos capazes de discutir a importância da construção de uma identidade negra diferente dos estereótipos impostos pelo pensamento ocidental racista, e de combater o colonialismo e a violência – física e simbólica - imposta sobre a população negra, seja na África ou em outros continentes. Agora, vamos nos deter em analisar melhor o segundo *flanço* do Pan-africanismo, ainda na perspectiva do debate levantado por Abogo.

O Pan-africanismo em seu segundo *flanço*

O segundo *flanço* do movimento Pan-africanista, segundo M'BAH Abogo (2004), diria respeito a tentativa de dotar este movimento de um conteúdo político mais sistematizado e alcançar a unidade dos estados independentes africanos. Defendia-se que tais estados se encontravam em condição de inferioridade material diante de “agentes externos”, assim a união tornaria essencial para se ajudarem mutuamente na construção de um único Estado forte e independente capaz de fazer frente às contingências externas, ou seja, às potências globais (M'BAH, 2004, p. 12).

Todavia, é importante rememorarmos que a independência dos Estados africanos não despertou tal sentimento de unidade entre eles. Parte disso pode ser explicado como uma “herança” do período colonial, visto que as potências colonizadoras haviam criado fronteiras artificiais na divisão das regiões do território africano, desconsiderando os desejos da população local e as rivalidades existentes entre vários grupos que foram arbitrariamente aglutinados. Além disso, mesmo antes dos colonizadores adentrarem a África já havia

Jacqueline Maia dos Santos e Isadora Bolina Monteiro Vivacqua

inúmeras disputas naquele território que são explicadas por questões internas próprias do continente e que já mobilizavam confrontos entre os povos. Durante o processo de luta pela libertação dos Estados tais problemas muitas vezes foram postos em segundo plano frente à necessidade de derrotarem um inimigo comum, o colonizador. Contudo, após vencerem esta batalha as diversas diferenças que existiam no continente voltaram a mobilizar intensas disputas internas, dificultando a promoção da união entre os povos.

S. K. B. Asante, em seu trabalho intitulado “O Pan-africanismo e a Integração Regional” (2010, p. 873-896) ressalta que os novos dirigentes dos países independentes direcionavam seus esforços para solucionar os problemas de seus próprios Estados, fortalecer o seu partido político, o controle sobre as massas e sobre os chefes opositoristas, além de mobilizarem-se pela segurança do país frente às potências estrangeiras. Deste modo, era difícil que se engajassem em prol de políticas Pan-africanistas. Para o autor, praticamente não havia líderes locais dispostos a renunciar ou arriscar a sua soberania em prol da luta pela união dos Estados africanos, o que contribuiu diretamente para que o *flanco* dois não se concretizasse. É também importante ressaltar que o chefe do governo normalmente não representava os interesses de todos os grupos locais, levando diversos sujeitos que não se sentiam representados por ele a se manifestarem e a ocorrerem golpes de Estado e guerras civis.

Analisando o contexto internacional devemos refletir sobre os impactos da Guerra Fria (1949-1989) para a África e o Pan-africanismo. Em um momento em que o mundo encontrava-se bipolarizado entre os Estados Unidos e a União Soviética, novos Estados independentes eram vistos por tais potências como importantes locais para estenderem o seu campo de influência. Devido a isso, o Pan-africanismo considerava essencial a união dos Estados africanos para que os mesmos não se tornassem meros súditos destas potências. Entretanto, o continente africano abarcava um amplo contingente de propostas políticas, econômicas, etc., e tal heterogeneidade dificultava uma possível solidariedade ou integração diante do contexto externo. Asante (2010, p. 876-877) ressalta, por exemplo, os famosos grupos “Casablanca” e “Monróvia”, que se mobilizaram em diversas conferências defendendo

Lentes de Resistência: olhares de intelectuais negros sobre iniciativas africanas nos séculos XIX e XX

propostas antagônicas. Monróvia acreditava que o melhor para o continente seria a criação de uma confederação de Estados mais flexível, que garantisse a autonomia dos mesmos. Já Casablanca era favorável ao Socialismo, embora pregasse um não alinhamento no contexto internacional, e defendia a unidade político-econômica da África. Monróvia também não era favorável a um alinhamento, mas diferentemente do outro grupo defendia que o engajamento em assuntos político-econômicos deveria ser algo voluntariamente realizado pelos Estados e não por meio de uma união de todo o continente aos moldes do que pregavam os integrantes do Casablanca (*Ibid*, p. 877).

Nos anos 1960, segundo Asante (*Ibid.*, p. 876-877), o número de Estados africanos que conquistou a independência deu um considerável salto, contudo, este mesmo período foi marcado por inúmeras dificuldades econômicas para o continente decorrentes, dentre outras questões, da dependência que possuíam em relação à Europa. Assim, após a conquista da independência muitos Estados consideraram que seria melhor, ou menos arriscado, continuar a manter relações com países que haviam lhes colonizado do que enfrentar essa crise por meio da unificação dos novos Estados. Conforme afirmou o autor:

A conquista da independência por elevado número de Estados africanos, entre 1960 e 1964 – o número de Estados independentes passou de 9 para 26, em 1960, dentre os quais todas as ex-colônias francesas, acrescidas em número pela Nigéria, pelo Zaire e pela Somália, atingindo 33 países em 1964 – prejudicou consideravelmente a ação integradora do pan-africanismo. (*Ibid.*, p. 876)

Neste período outro elemento que desfavoreceu uma possível união diz respeito à necessidade de se criar uma identidade nacional para os Estados recém-independentes, o que levou aos países a mobilizarem símbolos e ritos próprios, diferentes de outras regiões, movimentando novas disputas.

Deste modo, é possível concluir que o segundo *flanco* proposto pelo Pan-africanismo lidou com diversos entraves que o fizeram não ser considerado viável de se concretizar, tornando-se algo mais presente no campo das ideias. Segundo Abogo (2004, p.14) o fracasso deste ponto está associado ao sucesso do primeiro *flanco*. O primeiro ponto pelo qual o Pan-africanismo se mobilizou, conforme já ressaltamos, relaciona-se a luta pela conquista de uma

Jacqueline Maia dos Santos e Isadora Bolina Monteiro Vivacqua

identidade negra e a valorização do africano por meio de ações culturais que fizessem frente ao pensamento racista difundido pelos colonizadores. Este primeiro *flanco* não enfrentou muitos problemas relacionados a conflitos internos ou disputas internacionais, visto que o fato de *ser negro*, seja na África ou em outras regiões do mundo, fazia com que os sujeitos se identificassem e se mobilizassem por enfrentarem problemas semelhantes, como a discriminação racial. No caso do segundo *flanco*, o desejo de líderes locais em manter sua soberania, os conflitos entre grupos internos, os divergentes projetos futuros propostos para o continente africano, dentre outras questões, acabaram impossibilitando que conseguissem unificar política e economicamente todos os Estados. Isso, contudo, não torna a luta Pan-africana menos significativa de ser lembrada, visto que contribuiu para a construção de uma identidade que valorizava o *ser negro*, e lutava contra o racismo e o colonialismo europeu.

Aimé Césaire, uma vez escreveu:

Minha negritude não é uma pedra/sua surdez lançada contra o clamor/do dia/Minha negritude não é uma catarata/de água no olho morto da/terra/Minha negritude não é nem torre/nem catedral/Mergulha na carne vermelha do sol/Mergulha na carne ardente do céu/Perfura a opressão opaca de sua paciência/equânime. (CÉSAIRE, apud. FANON, 1983, p. 102)

Analisando este poema, percebemos como o autor ressalta que, para ele, a sua identidade como negro não é algo estático, não é um entrave, mas é instrumento de luta em constante atuação. Sua negritude perfura o preconceito, ressalta a beleza e a força dos homens e mulheres negras. O professor e pesquisador Elio Ferreira também destaca que “Na concepção da poética de Césaire, a negritude é um organismo vivo, algo que brota no âmago do ser negro e profundo, vivificador, dinâmico, renovável, em estado de plenitude para reoxigenar a alma do mundo [...]” (FERREIRA, 2008, p. 04). Césaire, Fanon, Du Bois, e tantos outros intelectuais comprometidos, foram assim essenciais na disseminação de outra visão acerca do processo de colonização da África e dos inúmeros instrumentos de lutas contra a opressão aos negros.

Considerações finais

Lentes de Resistência: olhares de intelectuais negros sobre iniciativas africanas nos séculos XIX e XX

A revisão bibliográfica ou historiográfica nos mostra que o estudo das iniciativas e resistências africanas é importante, dentre outras questões, por nos apresentar uma perspectiva da partilha europeia da África do ponto de vista do africano, e não somente do colonizador. Demonstra também, que a população africana não aceitou passivamente a perda de seu território e de sua autonomia, e que resistiu de diversas formas e em variados graus de intensidade.

O Pan-africanismo, nascido no século XX, pode ser enquadrado na categoria de resistência e embora não tenha alcançado todos os seus objetivos, se constituiu em um importante instrumento de mobilização em prol da valorização do *ser negro* e da luta contra o racismo e o colonialismo. Ele foi um sucesso ao proporcionar a construção de uma identidade negra, com raízes africanas, mediante a produção artístico-cultural: música, escultura, pintura, literatura, com destaque para a produção literária da corrente *Negritude*. Em contrapartida, o sucesso político do Pan-africanismo foi parcial, visto que ele subsidiou a independência das colônias em território africano, porém o grande objetivo final, de uma integração política continental, não foi alcançado.

Na atual conjuntura, um Pan-africanismo que contemplasse uma integração econômico-regional poderia contribuir para minimizar as estruturas de dependência econômica herdadas do colonialismo, desde que não se exija paralelamente uma união política, visto que este seria um elemento complexo de se articular, podendo gerar mais conflitos do que uniões.

Por fim, reiteramos que nosso objetivo neste trabalho não é o de construir leituras definitivas sobre a África, mas de apresentar reflexões de alguns intelectuais que apresentaram “lentes de resistência” à “história oficial”, ao olhar único sobre tal continente. Consideramos essencial a difusão das ideias desses pesquisadores, artistas, etc., visto que nos ajudam a desnaturalizar e a desconstruir preconceitos enraizados em nossa sociedade, além de complexificar nosso olhar acerca dos processos históricos ocorridos no continente africano.

Referências bibliográficas

- ASANTE, S. K. B. O Pan-africanismo e a Integração Regional. In: MAZRUI, Eli. A; WONDJI, Christophe (Orgs.). **História Geral da África**, Vol. VIII: África desde 1935-2010. Brasília: UNESCO, 2010.
- BARBOSA, M. S. A construção da perspectiva africana: uma história do projeto História Geral da África (Unesco). **Rev. Bras. Hist.** [online]. 2012, vol.32, n.64, pp. 211-230. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v32n64/12.pdf>. Acesso em 18 de fevereiro de 2016.
- BOAHEN, A. A. African Perspectives on Colonialism. Johns Hopkins University Press (Org.) **História Geral da África**. São Paulo: Ática, 1987. v. VII.
- CÉSAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. Blumenau: Letras Contemporâneas, 2010.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: SILVEIRA, R. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERREIRA, E. Memória, construção de identidades e utopia em "Canto dos Palmares", de Solano Trindade. In: **Anais do XI congresso internacional da ABRALIC**. São Paulo: ABRALIC, 2008. Disponível em: http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/078/ELIO_SOUZA.pdf. Acesso em 07 de fevereiro de 2016.
- M´BAH Abogo. **Panafricanismo clássico: Identidad y reconocimiento**. Nsibidi, 2004.
- M'BOKOLO, E. **Conquistas europeias e resistências africanas**. África Negra: História e Civilizações, até ao século XVIII, Tomo I : Lisboa, Vulgata, 2003.
- NGOZI, C. A. **O perigo de uma única história**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg> Outubro 2009. Acesso em 20 de fevereiro 2016.
- RANGER, T. O. Iniciativas e resistência africanas em face da partilha e da conquista. In: BOAHEN, A. A. (Org.). **História Geral da África**, Vol. VII: África sob dominação colonial, 1880-1935. 2ª Ed. Rev. Brasília: UNESCO, 2010.
- SENGHOR, L. S. O contributo do homem negro. In: SANCHES, M. R. (org.). **Malhas que os Impérios Tecem – Textos anticolonias, contextos pós-coloniais**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- TED, **Ideas worth spreading**. Disponível em: <https://www.ted.com>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2016.
- UZOIGWE, G. N. Partilha europeia e conquista da África: Apanhado Geral. In: BOAHEN, A. A. (Org.). **História Geral da África**, Vol. VII: África sob dominação colonial, 1880-1935. 2ª Ed. Rev. Brasília: UNESCO, 2010.